

ATIVISMO NAS MÍDIAS SOCIAIS: UM OLHAR SOBRE A MILITÂNCIA PELA
PAZ NO *FACEBOOK* E O CONFLITO ISRAELENSE-PALESTINO

ACTIVISM IN SOCIAL MEDIA: A LOOK AT MILITANCY FOR PEACE ON
FACEBOOK AND THE ISRAELI-PALESTINIAN CONFLICT

Rafaela Barkay¹

RESUMO

Este artigo discorre sobre o ativismo pela paz na internet relacionado ao conflito no Oriente Médio e traça uma análise da abrangência das mídias sociais e sua utilização como ferramenta na construção de modelos, divulgação de ideais e ampliação do raio de ação do ativismo social.

PALAVRAS-CHAVE

Ativismo, Internet, Conflito árabe-israelense.

ABSTRACT

This article discusses the peace activism on the Internet related to the conflict in the Middle East and provides an analysis of the influence of social media as an efficient tool to conceptual model-building, dissemination of ideas and enlargement of the scope of action of social activism initiatives.

¹ Mestranda da Área de Estudos Judaicos do Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e graduada em Fonoaudiologia pela mesma instituição. rafabarkay@gmail.com

KEY-WORDS

Activism, Internet, Arab-israeli conflict.

E se alguém ainda perguntar se temos certeza de encontrar aquilo que é correto nesta trilha íngreme: mais uma vez, a resposta é não, não existe certeza. Há apenas uma chance; e não há outra além desta. O risco não nos garante a verdade; e ele, somente ele, nos conduz ao espaço onde o seu hálito se faz sentir. (BUBER, 1982, p.117)

Introdução

O ano é 2012. Em uma manhã comum de domingo, posso ouvir os sinos da igreja algumas ruas adiante e a música tocando alto na feira de quinilharias. Seria apenas mais um tépido dia de descanso, exceto por um detalhe – minha mente, meu coração e minha alma não estão aqui, mas completamente ligados a pessoas que mal conheço do outro lado do planeta. Nos últimos dias, eles se tornaram um exemplo para milhares em todo o mundo. Estão testemunhando uma guerra, mas, diferentemente da maioria, falam de amor, paz e coexistência. Entre mísseis, bombas, soldados, alertas de sirene, medo e desespero, encontram forças para liderar movimentos pacifistas usando apenas uma arma – as mídias sociais.

Eles poderiam engrossar as multidões dos shopping centers e dos cafés e, como tantos outros, indiferentes ao que se passa ao redor, escolher o calar conformado. Mas preferem dedicar sua energia, seu talento e sua amorosidade às questões urgentes e coletivas. Empunham bandeiras, gritam palavras de ordem nas praças, ou silenciosamente acendem suas velas em prece. E tal qual encontro marcado no mundo virtual, reconhecem seus iguais, buscando e oferecendo inspiração diária, em relações que desconhecem os códigos hierárquicos que sustentam o chamado mundo real. A liberdade de expressão e a possibilidade de controle do nível de exposição de suas identidades lhes conferem a leveza necessária para enfrentar os muitos medos e o descaso.

Ao compartilhar suas sensações e crenças, esses jovens escrevem a história com novas cores. A interação propiciada pelas redes permite diálogos nunca antes imaginados e pessoas de todo o globo respondem com palavras de encorajamento e iluminação. Esta estrutura estimulante anuncia uma maneira nova para resolver antigos conflitos. Se ela vai mudar a história nós ainda não sabemos, mas uma coisa é certa – como uma revolução silenciosa, eles estão ensinando a humanidade a ser o que supostamente deveria ser: uma só.

Organizados em grupos fechados, comunidades de acesso livre ou campanhas extra-rede, ganham a cada dia parceiros em escala exponencial. Não somente novos membros se cadastram em listas já existentes, como inspirados nestas, criam outras, arrebanhando novos milhares de usuários. Campanhas originadas online ganham as ruas e são reproduzidas em países tão distantes geograficamente, quanto próximos no acesso através da rede, que serve ao mesmo tempo como agregadora e multiplicadora.

Ao entrar em contato com os coordenadores de três das iniciativas de maior evidência para entrevistas que ilustrassem e caracterizassem meu objeto de estudo, imediatamente, na mesma velocidade instantânea dos debates virtuais, todos prontificaram-se a conversar comigo. Forneceram-me estatísticas, descrição de suas propostas e toda sorte de material explicativo, e o mais importante – abriu-se um canal direto de comunicação, que não somente não se esgotou com a coleta dos dados, como tornou nossos laços cada vez mais estreitos.

1 - A estrutura da rede e o ponto de vista do pesquisador

Sem a pretensão de esgotar todas as possibilidades apresentadas na rede, descreverei a atuação desses três projetos similares na filosofia, porém diversos na forma de ação, para em seguida traçar uma análise da abrangência das mídias sociais e sua utilização como ferramenta na construção de modelos, divulgação de ideais e ampliação do raio de ação do ativismo social.

Analisarei especificamente as iniciativas de ativismo social no *Facebook*, mídia criada em 2004 que atingiu mais de um bilhão de usuários ativos em todo o mundo em outubro de 2012 (FACEBOOK Newsroom, 2012). As relações nesta rede, sejam entre indivíduos ou entre grupos, se dão através de diversos canais que podem variar quanto à privacidade, interatividade e público atingido.

A participação individual é vinculada à criação de um perfil pessoal, por meio do qual se pode, entre outros recursos, acompanhar as publicações de comunidades ligadas a um produto, causa ou indivíduo, ou aderir a grupos de discussão específica. Se, por um lado, as comunidades permitem o acesso a um público mais amplo, os grupos propiciam maior interação entre os usuários. Na primeira forma, o conteúdo é alimentado por um gerente, e reproduz a estrutura de *blogs*, tratando de um assunto ou personagem central que pode permitir ou não comentários de acordo com as configurações eleitas. Tal modelo mostra-se eficaz quando o intuito é de informar um grupo de pessoas, seja ele amplo ou específico, a respeito do tema ali desenvolvido. A segunda opção estrutural aqui assinalada permite o estabelecimento de discussões que podem acontecer em tempo real ou tardiamente através de comentários, e sobre vários assuntos simultaneamente. A privacidade de um grupo de discussão é definida pelo administrador, que pode também eleger outros participantes para compartilhar a gerência.

Para fins desta pesquisa, descreverei os propósitos, características e atuação de duas comunidades e um grupo de discussão diretamente ligados ao conflito árabe-israelense, focando na operação bélica Pilar Defensivo, também conhecida como Operação Coluna de Nuvem, ou, em hebraico, *Amud Anan*, realizada pelas Forças de Defesa de Israel (FDI) entre 14 e 21 de novembro de 2012 na Faixa de Gaza.

Em artigo sobre a objetividade de etnografias na internet, Beaulieu (2004, p.147, tradução nossa) defende a participação do pesquisador em listas fechadas de discussão, afirmando que “o etnógrafo pode perder parte dos fenômenos, que podem não ser visíveis no que é observável em listas públicas”.

Para escrever este artigo, propus-me, então, a descrever minha participação ativa no grupo de discussão onde já vinha estabelecendo vínculos; a reproduzir parte das publicações diárias nas comunidades de acesso público; e a conduzir entrevistas privadas com os três líderes já mencionados.

Se Buber (1974) descreve a intersubjetividade como a relação entre o Eu e o Tu que envolve o diálogo, o encontro e a responsabilidade entre dois sujeitos e/ou o sujeito e o objeto, Beaulieu (2004) acrescenta novos elementos a esta perspectiva ao delinear o fazer do etnógrafo como aquele que testemunhou determinado fato tendo viajado para lugares distantes, que faz sua narrativa na primeira pessoa, e se diferencia do leitor, aquele que ficou “aqui”, e do seu objeto de estudo que foi deixado “lá”. Desta forma, propus-me a desempenhar o papel daquele que experimenta a relação, para posteriormente relatá-la de um lugar de quem interagiu, presenciou fatos e colaborou ativamente com a narrativa.

2 - O objeto da pesquisa

As comunidades estudadas, *Israel Loves Iran* e *Palestine Loves Israel*, e o grupo de discussão *Turning a New Page for Peace* têm históricos particulares e formas de atuação diversas entre si; porém tanto as comunidades como o grupo têm como propósito final a humanização do “outro” e o estabelecimento de canais de comunicação entre indivíduos ligados ao conflito árabe-israelense.

O grupo *Turning a New Page for Peace* foi o primeiro a surgir, inicialmente sob forma de comunidade criada em setembro de 2011, inspirado pelas manifestações por demandas sociais ocorridas em Tel Aviv no início do mesmo mês. Assim o descreve seu idealizador, o israelense Yair Bartal:

Achei que seria uma boa oportunidade para começar a falar sobre o Oriente Médio sob este ângulo. Imaginei que através de questões sobre o bem-estar social, os povos do Oriente Médio e do mundo em geral pudessem ver que em Israel há seres humanos, ao invés de somente um inimigo para o povo árabe, e que aqui as pessoas também se sentem oprimidas. [...] O nosso

clamor é de que não se pode separar a paz das questões sociais, porque uma grande parte do orçamento vai para os militares. E muitos aspectos da economia dependem de paz, mas de alguma forma não se fala sobre isso. E a razão disso, imagino, é que as pessoas não se sintam motivadas, acham que não há chance para a paz. As pessoas estão frustradas, e não acreditam que haja uma possibilidade de paz.²

Segundo o memorial descritivo da comunidade em três idiomas – hebraico, árabe e inglês – esta se nega a ser vista como “uma organização política ou outra forma de movimento”, definindo-se como “um grupo de pessoas que desejam um futuro melhor para si e para seus filhos” e sem a pretensão de “buscar soluções práticas, mas sim a construção de um ambiente de confiança mútua que permita o florescimento da paz”. Acreditando no poder de interação oferecido pelas mídias sociais, rompe com um “tempo em que a paz era uma tarefa realizada somente pelos líderes de governo”, anunciando um “novo tempo para que as pessoas tomem o futuro em suas mãos”, onde a “história seja testemunhada”. Com foco específico no Oriente Médio, propõe “uma luta contra a tirania e corrupção, pela liberdade e justiça” (TURNING a New Page for Peace, 2012, tradução nossa). Na entrevista que me concedeu, Yair Bartal afirmou: “A chave para todo este movimento é a conexão entre as pessoas, colocar a política de lado por enquanto e ver que todos nós somos seres humanos. Este é o primeiro passo que se deve tomar, entre os indivíduos.”

A fim de gerar um ambiente que permitisse maior interação entre seus usuários, foi criado um grupo de discussão fechado e moderado de mesmo nome, convidando os membros da comunidade virtual ao diálogo. Entretanto, as duas estruturas foram mantidas em paralelo, sendo que cada uma passou a desempenhar um papel específico – a comunidade, por ter maior visibilidade, funciona como informativa, e o grupo permite um contato interpessoal mais

² Entrevista virtual concedida a Rafaela Barkay por Yair Bartal em 25/11/2012, tradução nossa.

intenso. O pico de atividades da comunidade e do grupo aconteceu durante a semana de 18 de novembro de 2012, quando ocorreu a operação bélica em Gaza. Dos mais de 37.000 usuários na comunidade na época, em torno de 1.400 indivíduos aderiram ao grupo, onde passaram a ter significativo contato diário. Apesar do foco específico em questões do Oriente Médio, ele agrega pessoas dos cinco continentes, de uma faixa etária média entre 18 e 24 anos, no entanto bastante elástica, chegando até a casa dos 60 anos de idade. O ambiente fértil de discussão permite uma intensiva troca pessoal entre seus usuários, ampliando a rede de contatos pessoais entre os indivíduos. De maneira inédita, estabeleceu-se ali um canal de comunicação em nível mundial que veio a unir sob um mesmo teto virtual indivíduos das mais diversas origens, crenças e idiomas. A língua praticada no grupo é o inglês; no entanto, membros que não tenham familiaridade com ele são incentivados a utilizar programas tradutores de texto e a contar com o auxílio de seus companheiros.

A segunda comunidade estudada, *Israel Loves Iran*, foi criada pelo designer gráfico israelense Ronny Edry e sua esposa Michal Tamir em março de 2012, após o sucesso alcançado por uma mensagem pessoal no *Facebook* para o povo iraniano: uma foto de Ronny e a filha do casal com o slogan: *Iranians, we will never bomb your country. We love you* – Iranianos, nós nunca bombardearemos seu país. Nós os amamos. Ronny anexaria ainda um pequeno texto que dizia:

Para o povo iraniano. Para todos os pais, mães, filhos, irmãos e irmãs: Para que haja uma guerra entre nós, primeiro temos de ter medo um do outro, devemos nos odiar. Eu não tenho medo de você, eu não odeio você Eu sequer te conheço. Nenhum iraniano nunca me fez nenhum mal. Eu nunca conheci um iraniano. Apenas um em Paris, em um museu. Um cara bacana. Eu vejo algumas vezes aqui na TV, um iraniano. Ele fala sobre a guerra. Tenho certeza que ele não representa todo o povo iraniano. Se você vir alguém [de Israel] na TV falando sobre bombardear você, tenha certeza que ele não representa todos nós. Eu não sou um representante oficial do meu país. Eu sou um pai e um professor. Eu conheço as ruas de minha cidade, eu falo com os meus vizinhos, minha família, meus alunos, meus

amigos e em nome de todas essas pessoas [eu digo que] nós amamos vocês. Queremos dizer não lhes desejamos nenhum mal. Pelo contrário, queremos nos encontrar, tomar um café e conversar sobre esportes. Para todos aqueles que sentem o mesmo, compartilhem esta mensagem e ajudem-na a alcançar o povo iraniano. Ronny, Tel Aviv.³

Poucas horas após a publicação da mensagem, dezenas de israelenses reproduziram o gesto do casal, divulgando na rede suas fotos e mensagens pessoais. Vinte e quatro horas mais tarde, começavam a chegar respostas de iranianos com a mesma mensagem de paz. A iniciativa multiplicou-se rápida e exponencialmente. Em dezembro de 2012 a comunidade contava com mais de 97.000 participantes de todo o mundo, com idade média entre 25 e 34 de idade, sendo Teerã a cidade com maior número de usuários; e a semana de 18 de novembro, a mais popular. Em seu memorial descritivo, também nos três idiomas, a comunidade define-se como “uma ponte entre pessoas no Oriente Médio” que está “mostrando uma nova imagem desta região”, em sua convicção de que “o caminho para se alcançar a paz é derrubar as paredes erguidas pelo medo e construir pontes de comunicação, o que se torna possível graças à existência da internet” (ISRAEL Loves Iran, 2012, tradução nossa).

A campanha inicial desdobrou-se em muitas outras, voltadas não somente para a paz entre Israel e Irã, mas estendendo-se para todo o Oriente Médio. Seguiram-se as iniciativas *Peace, product of the year*, *Send a heart* e *M12 – Peace day: On May 12*. Em agosto e outubro de 2012, respectivamente, foram lançadas as campanhas virtuais *Not ready to die in your war* e *War, what war?*, além de *Shaná Tová*⁴, em setembro do mesmo ano. Durante o conflito em

³ Texto publicado originalmente na página pessoal de Ronny Edry no Facebook, 2012, tradução nossa.

⁴ Feliz ano novo judaico.

Gaza, a campanha *Stop the War* visava ao cessar-fogo e fim da escalada de violência, e em novembro, com o intuito de atingir um público fora das mídias sociais, foram levantados recursos por meio de uma iniciativa de *crowdfunding*, ou financiamento coletivo, para a afixação de posters promocionais com fotos de israelenses e iranianos lado a lado, sob o slogan *We love you*, nas laterais de setenta ônibus em Tel Aviv que circularam durante três semanas pelas ruas desta cidade.

Em outubro de 2012 foi fundada a *Peace Factory*, o braço do grupo *We love You* para a coordenação e troca de ideias e ações. Uma comunidade voltada para empreendimentos cooperativos, “de pessoas, para pessoas” (ISRAEL Loves Iran, 2012, tradução nossa). Em dezembro de 2012, seguiram-se outras iniciativas, dentre as quais destacam-se a *Vote Peace*, pelo voto consciente nas eleições israelenses em janeiro de 2013; o *Peace Catalog*; o *Women Talk*; e finalmente o *Peace Game*, um jogo de basquete pela Paz.

A comunidade Israel Loves Iran tornou-se o modelo internacional para inúmeras outras iniciativas. Novas campanhas e comunidades com características semelhantes disseminaram-se dentro e fora do *Facebook*. A cada dia seguem surgindo novas ideias e grupos que, de forma independente, porém articulada, difundem valores de paz e coexistência, cumprindo o ideal ali semeado.

Finalmente, a comunidade *Palestine Loves Israel*, inspirada no modelo da *Israel Loves Iran*, foi criada por Joujou, e teve um papel singular durante a operação em Gaza, marcado pela extrema delicadeza e respeito por uma população que, aterrorizada pela dupla opressão sofrida pelos ataques do exército israelense e o terrorismo do Hamas, teve ali um porto seguro.

Criada em março de 2012, contava no mês de dezembro com mais de 9.600 membros, com idade média entre 25 e 34 anos. Apesar de Tel Aviv figurar

oficialmente como a cidade com maior número de representantes, é bem possível que esta informação não correspondesse à realidade, uma vez que muitos usuários, por medo de sua identificação, omitiam ou mascararam seus dados. Descreve-se como uma comunidade de “palestinos que acreditam na paz”, criada para “dar início a um novo começo, onde se “acabe com o medo do outro, gerando um diálogo pela paz entre todos os seres humanos”. Os usuários são encorajados a “travar diálogos entre si, fazer novas amizades, conversar e se comunicar”; pede-se que sejam “educados, respeitosos e pacíficos” (PALESTINE Loves Israel, 2012, tradução nossa).

Diferentemente das duas iniciativas descritas anteriormente, essa comunidade teve um papel fundamental no apoio emocional a palestinos durante o conflito, que, no entanto, optaram por não se expressar publicamente, temendo alguma espécie de retaliação. Tiveram, entretanto, na figura da moderadora, que também mantém sua identidade de forma discreta, uma âncora durante a tormenta. Esta, apesar de sua origem árabe, não se encontrava na região do conflito, o que lhe permitia agir com maior desprendimento. Contou-me Joujou:

Várias pessoas de Gaza regularmente escrevem mensagens para mim, mas eles não podem "curtir"⁵ a página mesmo que a apoiem, pois têm medo da pressão dos seus amigos, familiares ou do Hamas. No entanto, acessam a página a cada semana para ver o que está acontecendo. Não podem compartilhar qualquer imagem porque o registro iria aparecer em suas páginas pessoais, mas me enviam mensagens privadas onde aparecem em fotos com óculos de sol ou algo assim, porque eles estão realmente com medo. Em Gaza, o Hamas eliminou alguns palestinos porque eles falaram abertamente que queriam a paz, então, "curtir" uma página como esta, de

⁵ A maneira para filiar-se à “página” ou “comunidade”.

palestinos a favor da paz com Israel pode ser muito perigoso para eles.⁶

Os projetos descritos acima trabalham de forma independente, porém espontaneamente coordenados entre si, divulgando mensagens e compartilhando ideais. Muitos usuários acompanham simultaneamente as três iniciativas e, não raro, inspiram-se nelas para gerar outras.

3 - As redes sociais e o encontro com o outro

A respeito da tolerância, Bonder (2010, p. 23) afirma que ela “não é uma medida absoluta, e exigir-lhe tal natureza é estar de fora, externo e indiferente”. Propõe “reforçar as identidades, fazer-se mais outro”, afirmando ser este o “caminho da paz e da apreciação”. Sugere que “cristãos sejam mais cristãos, que judeus sejam mais judeus, em particular assumindo sua legítima diversidade” (BONDER, 2010, p. 26).

O ambiente das redes sociais mostra-se um caminho seguro e cada vez mais acessível para o reconhecimento do “outro” e a experimentação de um novo olhar. Se, por um lado, promovem encontros que à primeira vista possam sugerir superficialidade, por outro permitem larga expansão do leque de possibilidades que ignoram as barreiras físicas. O desenho da árvore das relações individuais ganha através destas redes um sem-fim de ramificações antes sequer imagináveis.

Pautados no desafio do encontro com o desconhecido e na criação de laços com aquele que lhes soaria como um “inimigo imposto” pela situação política, estes jovens ousam transpor as barreiras aprendidas e se dispõem à

⁶ Entrevista virtual concedida a Rafaela Barkay por Joujou em 25.nov.2012, tradução nossa.

convivência e à mudança profunda de um paradigma compreendido por eles como inútil e já desgastado. Em seu depoimento, Ronny Edry afirmou:

Mais violência não leva a nada. Tivemos exatamente a mesma situação quatro anos atrás, com a mesma retórica de que tínhamos o direito de nos defender, e no final do ciclo de violência, havia centenas de mortos, e nada havia mudado. O Hamas continua lançando mísseis [contra Israel] até hoje. E para mim, a verdadeira falha dos governos é que eles não assumem um maior compromisso com os inimigos. Você não faz paz com os amigos, você faz a paz com os inimigos, e cada dia que passa, os inimigos se tornam mais inimigos. Por isso, não é fácil fazê-lo, mas esta é a maneira adulta de lidar com a questão. Não há maneira de se livrar do outro lado. Não está funcionando.

A respeito de sua experiência durante o primeiro toque das sirenes de alerta a ataques de mísseis em Tel Aviv, relatou:

[...] isto me faz perceber que a violência não é a resposta. No primeiro segundo tive esta reação humana, de querer sacar uma arma e atirar em alguém, e alguns segundos depois, eu disse – sim, isto é o que eles querem que eu faça, que eu saque a arma. Isto é como eles ganham em ambos os lados. E é exatamente ali que devemos ficar mais fortes, quando [o fato] está acontecendo. É preciso dizer não, nós temos que parar com isso, porque isto só nos leva a mais loucura.⁷

⁷ Entrevista virtual concedida a Rafaela Barkay por Ronny Edry em 18/11/2012, tradução nossa.

Em artigo sobre a resistência social e as relações entre o mundo virtual e o real entre jovens, Wilson (2006, p. 313, tradução nossa) observa que “a experiência cotidiana e as formas de resistência cultural na era da comunicação via internet muitas vezes ocorrem em um nível global”. Ressalta que “a vida de muitos internautas jovens não deve ser entendida como real ou virtual, pois suas experiências dentro e fora da rede são muitas vezes contínuas e interligadas”. Afirma ainda que “nos últimos anos, redes ou organizações vinculadas ao ativismo social coordenadas por jovens tornaram-se abundantes e às vezes proeminentes”.

Para descrever o sistema de relações encontrado nas redes, Weiss (2010, p. 477, tradução nossa) usa o termo “mundo caleidoscópico”, compreendido como aquele onde “os atores e as alianças estão em constante mutação e a dimensão internacional é informal”. Nesta forma de organização “o Estado continua sendo importante, mas existem muitas outras possibilidades de cidadanias informais em que as âncoras não são tão sólidas ou claras” (WEISS, 2010, p. 478, tradução nossa).

Bachman, Guo e Harp (2012, p. 312, tradução nossa) em seu estudo sobre o uso das redes sociais para o ativismo e engajamento cívico, concluem que “as mídias sociais ajudam seus usuários a ser mais ativos em arenas políticas e cívicas, auxiliando a promover o diálogo”; “estas podem tornar-se um fórum participativo onde indivíduos com interesses comuns podem se aliar, se fortalecer e, finalmente, unir esforços para melhorar suas comunidades [...] e quase a metade dos jovens pesquisados acreditam que o ativismo na rede se traduz para aquele fora dela” (BACHMAN; GUO; HARP, 2012, p. 314, tradução nossa).

As relações horizontalizadas e a construção colaborativa assumem status de um novo modelo a ser vivido. As experiências da rede ganham materialidade e rapidamente alcançam as ruas, em um movimento de mão dupla, em que são

ao mesmo tempo matéria prima e resultado, alimentando o moto-contínuo das conexões interpessoais.

No entanto, ao tratarmos da questão árabe-israelense, e especificamente da realidade israelense-palestina, deve-se levar em conta as consequências afetivo-emocionais decorrentes da sujeição a um conflito continuado.

Williamson⁸ (2012, tradução nossa) entende que observando-se israelenses e palestinos a partir de uma perspectiva psicológica, ambos devam ser compreendidos como vítimas de abuso. Sustenta que “a psique judaica é vítima em reação ao Holocausto, assim como a palestina o é em reação à ocupação israelense [...] onde dois seres, ou, neste caso, conjuntos de seres, se mantêm ainda dentro da dor não elaborada do abuso, permanecendo assim emocionalmente incapazes de realmente testemunhar o sofrimento do outro”. Conclui que “não haverá resolução do conflito israelense-palestino sem que se entre em contato com as feridas internas” e que “aqueles que apoiam o surgimento de uma conversa política não-violenta, oferecem sua maior contribuição ao propor uma maneira diferente de ver o mundo e particularmente de enxergar um ao outro, uma vez que ninguém visto através dos olhos de culpa pode ser um parceiro na paz”.

Faz-se imperativa a compreensão de que os dois lados do conflito convergem em um mesmo ponto: ambos sofrem suas consequências, têm suas vidas pessoais diretamente afetadas pela violência, e somente poderão estabelecer algum tipo de diálogo produtivo quando forem capazes de reconhecer o outro como tal.

⁸ Marianne Williamson é ativista social, autora, professora e fundadora da Aliança de Paz, uma campanha junto ao Congresso Americano para o estabelecimento de um Departamento Estadunidense pela Paz. Ela também é fundadora do projeto Angel Food, um programa de refeições em domicílio para portadores de AIDS em Los Angeles. Tem 10 livros publicados, incluindo quatro vezes o primeiro lugar na lista dos mais vendidos do jornal New York Times.

Kaufman (1988, p. 71, tradução nossa) argumenta que “em nível individual, o longo período da ocupação corrompeu seriamente a psique israelense. Questiona a “atuação dos governantes ao reagirem duramente a protestos nos territórios ocupados, o que precipitaria reações violentas, o crescimento da brutalidade e a degradação das relações, enfraquecendo o moral das gerações mais jovens israelenses, que tendem a perceber mulheres, crianças e civis palestinos em geral como terroristas, contra os quais este tipo de reação encontraria justificativas”.

Em matéria publicada em novembro de 2012 no jornal israelense *Haaretz* sobre a atuação do psiquiatra americano Dr. James Gordon junto à população de Gaza (FELDINGER, 2012, tradução nossa), afirma-se que mais de 50% das crianças e adultos locais sofrem de stress pós-traumático. Gordon chama a atenção para o fato de “por anos, a população de Gaza ter ouvido semanalmente, e por vezes diariamente, os ecos de bombardeios por parte dos israelenses a fim de atingir suspeitos de prática terrorista. Por sua vez, a população israelense que vive próxima à fronteira também tem sofrido sistematicamente por anos com os imprevisíveis lançamentos de mísseis vindos das facções militantes em Gaza. Nos dois lados, centenas de milhares de crianças têm testemunhado explosões, destruição e, por vezes, mortes.” Acrescenta que “um considerável número de palestinos que anteriormente trabalhava em Israel encontra-se desempregado, o fornecimento de eletricidade e água para Gaza são escassos, e muitos perderam entes queridos e suas casas.”

Margalit (2003, tradução nossa), por sua vez, caracteriza a economia palestina como “em estado de miséria, extremamente afetada, entre outros fatores, pela alta incidência de homens-bomba, o que levou o governo israelense a fechar as fronteiras e reduzir drasticamente o número de palestinos trabalhando em Israel”.

“Tudo isto”, diz Gordon, “cria na população palestina uma sensação de impotência”. No entanto, “indivíduos que se submeteram ao tratamento proposto

pelo psiquiatra têm apresentado uma diminuição do nível de agressividade e de conduta violenta, sentindo-se mais motivados a melhorar sua situação [...] e o foco na comunicação saudável, na possibilidade de ouvir o outro, na gentileza e aceitação das diferenças têm disseminado uma ‘cultura de respeito’ em Gaza”, conforme relata Alrawagh, uma das voluntárias envolvidas no treinamento de profissionais de saúde desenvolvido por Gordon (FELDINGER, 2012, tradução nossa).

Ao tratar de processos de reconciliação em conflitos continuados, Bar-Tal (2000, p. 351, tradução nossa) aponta que estes “exigem a construção de relações pacíficas baseadas na confiança e aceitação recíprocas, cooperação e consideração das necessidades mútuas”. Afirma que, “em condições duradouras, há acúmulo considerável de animosidade, preconceito, ódio e as memórias coletivas são impressas por eventos relacionados ao conflito” (BAR-TAL, 2000, p. 355, tradução nossa). Para a construção de uma nova realidade psicológica, propõe que “várias organizações promovam a reconciliação através de atividades entre os membros de cada grupo em separado e conjuntamente” (BAR-TAL, 2000, p. 362, tradução nossa). Aponta que “o processo de reconciliação em que um ethos de paz evolui é um processo político, social, cultural e educacional, envolvendo todas as instituições sociais e canais de comunicação” e sugere “a realização de atos unilaterais indicativos de boa vontade, atos simbólicos de paz, atos recíprocos de concessão, declarações de líderes que impliquem o desejo de paz, surgimento de organizações que apoiem o processo de reconciliação, o início de empreendimentos cooperativos e conjuntos nas diferentes áreas política, econômica, cultural, acadêmica ou educacional”. Afirma “não se tratar de um processo formal, por requerer uma mudança de crenças sociais, que pode começar independentemente do processo de resolução de conflitos, antes mesmos que os lados opostos comecem a negociar” (BAR-TAL, 2000, p. 361, tradução nossa).

Em dezembro de 2012, o grupo Yala–Young Leaders for Peace promoveu uma festa virtual onde, durante um dia inteiro, os participantes tiveram a

oportunidade de interagir em tempo real, escutar músicas pela paz, dançar, assistir a vídeos com mensagens de apoio de líderes e ativistas de todo o mundo, entre eles o presidente israelense Shimon Peres e o líder palestino Mahmoud Abbas. Até esta data, 250.000 pessoas em todo o mundo haviam se inscrito nesta comunidade virtual. No natal do mesmo ano, jovens palestinos se reuniram em Belém para formar o símbolo da paz. Em resposta, jovens israelenses formaram um coração humano e tocaram tambores nas ruas de Jerusalém. O grupo *Machshavot Shel Shalom: Ezrahim Ossim Shalom*⁹, composto por cidadãos israelenses e palestinos, tem se encontrado sistematicamente para a elaboração de processos de paz liderados por civis. Este grupo surgiu inicialmente no *Facebook*. Inúmeras outras iniciativas têm se disseminado dentro e fora da rede, e intuitivamente os jovens engajados nas discussões através das mídias sociais e no desenvolvimento de atividades para a construção de uma realidade de paz duradoura respondem a este apelo. Quando questionado sobre o princípio que o movia na direção da criação de campanhas em prol da paz, Ronny Edry me respondeu: “Eu só estou fazendo isso porque é a única coisa que eu posso fazer, por isso não estou olhando para trás, e se algo está mudando, eu fico feliz. Esta é a única coisa que eu posso fazer, e eu tenho que fazer alguma coisa”.

Yair Bartal não se cansa de repetir diariamente que “é necessário que se desenvolva um ambiente que transpire confiança e respeito mútuos, para que se possa reconhecer a humanidade no outro”. Joujou soma sua voz ao coro e incansavelmente transmite mensagens de apoio, paz e esperança, como porta-voz de uma população que, por medo, se ocultava, e pouco a pouco começa a mostrar sua face.

⁹ Pensamentos pela Paz – Civis Fazendo a Paz.

Considerações finais

Ao iniciarmos uma trajetória, dificilmente temos ideia de para onde ela nos conduzirá. Mesmo que tomemos o caminho rotineiro, sempre estaremos sujeitos ao elemento surpresa. No entanto, se a escolha foi pela exploração do desconhecido, cada pequeno passo ganha uma dimensão única. Minha proposta inicial me levou a um profundo envolvimento com o elemento humano em uma proporção muito maior do que eu jamais poderia prever.

Se os primeiros passos ainda tímidos me trouxeram doces percepções inesperadas, à medida que a pesquisa ganhava corpo, eu vivenciaria em minha própria pele a teoria que pretendia descrever. A súbita percepção do meu lugar como Eu e Tu simultaneamente, o encontro com o outro que eu sempre aprendera a ter que temer, em uma situação que me permitiria o despojamento de toda a casca com a qual eu me acostumara a me proteger, me tornariam sujeito de mim mesma. A seguinte reflexão de Buber (1974, p. 126) ilustra a transformação que experienciei no processo desta pesquisa:

O que é o eterno: o fenômeno primordial presente no aqui e agora que nós chamamos Revelação? É o fenômeno pelo qual o homem não sai do momento do encontro supremo do mesmo modo como entrou. O momento do encontro não é “vivência” que surge na alma receptiva e se realiza perfeitamente; algo aí acontece no homem. Às vezes parece um sopro, às vezes, como se fora uma luta, pouco importa: acontece. Ao sair do ato essencial da relação pura, o homem tem em seu ser um mais, um acréscimo sobre o qual ele nada sabia antes e cuja origem ele não saberia caracterizar corretamente.

A fim de compreender a realidade do outro, foi preciso que eu estivesse ali presente em igual medida, que compreendesse seu discurso e respeitasse seus silêncios. Se minha vida acontece a muitos quilômetros de distância do objeto que eu me propus a investigar, foi precisamente o meio que eu descrevia que viria a me inserir naquela realidade.

Inicialmente observei, como quem vê pelo lado de fora. Meu olhar estrangeiro ainda não discernia os detalhes que só perceberia mais adiante.

Reconheci meus iguais, me aproximei deles, e trouxe mais alguns comigo. O ambiente me parecia seguro. Avancei mais uns passos, e ousei permitir que o diferente chegasse perto, afinal, já não parecia tão distante assim. Conheci novos mundos, novas perspectivas, até que o outro se fez presente. Por um momento hesitei, mas logo ele não pareceria mais tão temível assim. A grande surpresa, no entanto, ficara para o final – o encontro com o outro em mim mesma. Novamente cito Buber (1974, p. 127), inspirada em suas reflexões para descrever minha própria experiência de encontro com o outro. Assim:

O homem recebe e o que ele recebe não é um conteúdo, mas uma presença, uma presença que é uma força. Esta presença e esta força encerram três fatos, que embora indivisos, podemos encará-los separadamente. Em primeiro lugar, toda a plenitude da reciprocidade, do fato de ser acolhido, de estar vinculado; sem que se possa, de algum modo, dizer como é feito aquilo a que se está ligado e sem que esta ligação nos facilite a vida – ela nos torna a vida mais pesada, porém mais pesada de sentido. Apresenta-se então o segundo ponto: é a inefável confirmação do sentido. Este sentido é garantido. Nada, nada mais pode ser sem sentido. A questão do sentido da vida não se coloca mais. Porém se ela se colocasse, não precisaria ser respondida. Não sabes demonstrar o sentido e não sabes defini-lo, para ele não possui nem fórmula nem imagem e, no entanto, ele é para ti mais certo que os dados de teus sentidos. O que tem ele a ver conosco, então? O que exige de nós este sentido revelado mas oculto? Ele não é interpretado – isso não nos é possível – ele só quer que o realizemos. É este o terceiro ponto: não se trata do sentido ‘de uma outra vida’, mas de nossa vida, não de um ‘além’, mas deste nosso mundo, e ele quer que nós o coloquemos à prova, nesta vida, neste mundo. Embora este sentido possa ser concebido, ele não pode, no entanto, ser experienciado; ele não pode ser experienciado mas pode ser realizado, e é isso o que solicita de nós. A garantia não deseja permanecer fechada dentro de mim. Ela quer nascer no mundo por meu intermédio.

Que esta não seja uma conclusão, posto que é processo em andamento. Tampouco somos os mesmos que um instante atrás. Apenas vislumbramos a terra árida, e ousamos lançar-lhe umas primeiras sementes. Talvez sequer vinguem, e seja necessário mais uma, duas, três... incontáveis tentativas. Mas uma coisa é certa – só veremos seus frutos à custa de muito cuidado e delicada

atenção. Não se trata de tarefa fácil, nem ao menos lhe conhecemos a fórmula. Tudo está por construir, e talvez, em meio à trajetória, nos deparemos com o pior dos medos – o do encontro com os fantasmas que habitam dentro de nós mesmos.

Bibliografia

BACHMANN, Ingrid; GUO, Lei; HARP, Dustin. The Whole Online World Is Watching: Profiling Social Networking Sites and Activists in China, Latin America, and the United States. *International Journal of Communication*, v. 6, p. 298-321, 2012. Disponível em: <<http://ijoc.org/ojs/index.php/ijoc/article/view/1272>>. Acesso em: 15/10/2012.

BAR-TAL, Daniel. From Intractable Conflict through Conflict Resolution to Reconciliation: Psychological Analysis. *Political Psychology*, Tel Aviv, v. 21, n. 2, p. 351-365, jun. 2000.

BEAULIEU, Anne. Mediating ethnography: objectivity and the making of ethnographies of the internet, *Social Epistemology: A Journal of Knowledge, Culture and Policy*, Warwick, v. 18, n. 2-3, p. 139-163, abr./set. 2004.

BONDER, Nilton e SORJ, Bernardo. *Judaísmo para o Século XXI – O rabino e o sociólogo*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

BUBER, Martin. *Do Diálogo e do Dialógico*. Tradução de Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. *Eu e Tu*. Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. 2. ed. São Paulo: Moraes, 1974.

KAUFMAN, Edy. The Intifadah and the Peace Camp in Israel: A Critical Introspective. *Journal of Palestine Studies*, Berkeley, v. 17, n. 4, p. 66-80, Summer, 1988.

MARGALIT, Avishai. The Suicide Bombers. *The New York Review of Books*. Jan. 2003. Disponível em: < <http://www.nybooks.com/articles/archives/2003/jan/16/the-suicide-bombers/?pagination=false>>. Acesso em: 27.dez.2012.

WEISS, Edith B. On Being Accountable in a Kaleidoscopic World. *Proceedings of the Annual Meeting (American Society of International Law)*, Washington, D.C., v. 104, p. 477-490, 24-27 mar.2010.

WILSON, Brian. Ethnography, the Internet, and Youth Culture: Strategies for Examining Social Resistance and "Online-Offline". *Canadian Journal of Education / Revue canadienne de l'éducation*, Charlottetown, v. 29, n. 1, p. 307-328, 2006.

FACEBOOK newsroom. Disponível em <<http://newsroom.fb.com/Timeline>>. Acesso em: 20/12/2012.

FELDINGER, Lauren Gelfond. In treatment: Jewish shrink helps Israelis and Gazans deal with trauma. In: *Haaretz.com*. Disponível em: < <http://www.haaretz.com/weekend/week-s-end/in-treatment-jewish-shrink-helps-israelis-and-gazans-deal-with-trauma.premium-1.480108>>. Acesso em: 23 nov.2012.

ISRAEL loves Iran. Disponível em: <<http://www.israelovesiran.com/israelovesiran/>>. Acesso em: 23/12/2012.

MACHSHAVOT Shel Shalom: Ezrahim Osim Shalom . Disponível em: <<http://www.facebook.com/pages/%D7%9E%D7%97%D7%A9%D7%91%D7%95%D7%AA-%D7%A9%D7%9C-%D7%A9%D7%9C%D7%95%D7%9D-%D7%90%D7%96%D7%A8%D7%97%D7%99%D7%9D-%D7%A2%D7%>>

95%D7%A9%D7%99%D7%9D%D7%A9%D7%9C%D7%95%D7%9D/421127807942589>. Acesso em 29/12/2012.

PALESTINE loves Israel. Disponível em: < <http://www.facebook.com/pages/Palestine-Loves-Israel/209640082469004?fref=ts>>. Acesso em: 23/12/2012.

TURNING a new page for Peace. Disponível em: <[http://www.facebook.com/newpage4peace /info](http://www.facebook.com/newpage4peace/info)>. Acesso em: 22/12/2012.

WILLIAMSON, Marianne. Israel, Palestine, Love. In: The Blog. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/marianne-williamson/israel-palestine-love_b_2168861.html#es_share_ended>. Acesso em: 21/11/2012.

YALA – Young leaders for Peace. Disponível em: <<http://www.facebook.com/yalaYL?fref=ts>>. Acesso em: 20/12/2012.